HUMOR - DOR E SUBLIMAÇÃO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles

*“Respeito muito
Minhas lágrimas.
Mas ainda mais minha risada.”
Caetano Veloso, Vaca Profana, 1984*

Em 1905, no livro sobre o *Witz* – conhecido na tradução brasileira como “*Os Chistes e sua relação com o Inconsciente*”, Freud (1905/1977) vai fazer uma comparação entre o chiste, o cômico e o humor, ressaltando suas características, mas, sobretudo, as diferenças entre eles.

O termo *Witz* tem suas raízes no Romantismo alemão, movimento cultural e artístico do qual Freud foi herdeiro, e é um termo de difícil tradução para o português. Em francês foi traduzido por “*esprit*”; “*mot d’esprit*” do qual dispõe quem é espirituoso.

Em português foi traduzido como chiste, piada. Podemos considerar o chiste, o cômico e o humor como manifestações privilegiadas do *Witz*, atribuindo ao *humor* um papel de destaque que o desdobramento da obra freudiana permite inferir (SLAVUTZKY E KUPERMANN, 2005).

No livro “*Os Chistes*” (1905), ao falar sobre o humor, Freud (1905/1977) ressalta o caráter articulado do efeito humorístico e o situa como inteiramente dependente da linguagem.

Diz Freud (1905/1977) que “para entender uma piada é preciso ser da paróquia” (p.13), isto é, ela não tem efeito em todos os lugares, em todos os momentos, nem para todas as pessoas, sendo necessários determinados referentes, um código, um acervo comum situado no simbólico, na cultura, para captar o sentido.

Assim, o humor cria laço social e apresenta também um aspecto transgressivo e questionador do sentido estabelecido.

O humor como efeito de algo dito surge no exato momento em que se está diante de questões limite e repentinamente ocorre um corte, uma criação simbólica súbita, ligada à irrupção de um sentido novo que proporciona “*um pequeno ganho de prazer*”.

Freud ressalta que o humor surge “como um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles” (FREUD, 1905/1977, p. 212). O humor seria uma das “operações psíquicas mais elevadas” (p. 212), “um dom raro e precioso”, que se mostra um “recurso para auferir prazer” (p. 212) diante dos embates da vida e da trágica inevitabilidade da morte.

Segundo Freud (FREUD, 1905/1977), o deslocamento humorístico só é possível quando é ofuscada a atenção consciente, como no caso do cômico, e ele está preso à condição de permanecer pré-consciente ou automático.

O deslocamento humorístico pode ser comparado a um processo defensivo, impedindo a geração de desprazer, sendo considerado por Freud como o mais alto desses processos defensivos. Ele retira da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, tal como o faz o recalque, e assim domina o automatismo de defesa. Realiza isso descobrindo os meios de retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-a pela descarga em prazer.

Nesse livro Freud acentua o ganho de prazer como uma economia de gasto do afeto, pois entendia o humor como uma maneira de inibir um afeto doloroso e substituí-lo por outro prazeroso, ainda que limitado.

“O prazer do humor, se existe, revela-se ao custo de uma liberação de afeto que não ocorre: procede de uma economia na despesa de afeto” (FREUD, 1905/1977, p. 212).

As formas em que o humor se manifesta são determinadas por duas peculiaridades conectadas com as condições sob as quais é gerado: 1. O humor pode aparecer misturado a um chiste ou a alguma espécie de cômico; neste caso a sua tarefa é livrar-se de uma possibilidade implícita na situação que possa ter gerado um afeto que interfira com o resultado gratificante; 2. Pode deter a geração desse afeto inteiramente ou apenas parcialmente, sendo esse último o caso mais comum, produzindo-se as várias formas de “*humor interrompido*” ou “*humor do sorriso entre lágrimas*”. Retira parte da energia do afeto e em troca lhe dá um toque de humor.

Humor

Após a introdução da 2ª tópica e das indagações sobre o supereu, Freud vai pensar o humor em outros termos; isto é, a partir do desdobramento do eu e da ação do supereu.

Como combater com o riso e com o humor a inclemência do supereu? Como enfrentar suas sanções e brincar com ele se é tão feroz e punitivo?

Freud assegura que se trata de um divertimento liberador, mas também grandioso e patético. O humor não é “*resignado, mas rebelde*”, diz Freud (1927/ 1974, p. 191), e tem uma dignidade que falta aos chistes. Diante dos fracassos (geralmente narcísicos do eu) o humor é o oposto da amargura e do ressentimento. Tem uma marca autoral pois implica o sujeito em seus atos, em sua infelicidade, mas ao mesmo tempo mostra a capacidade do eu de reagir, inovar e enfrentar a realidade.

Essa capacidade do eu de triunfar sobre as condições adversas e escapar do sofrimento se deve a uma certa disposição benigna do supereu. Quem ri das dificuldades

do eu é o supereu, que aqui mostra sua face benévola resultante da simbolização da castração. Diante da angústia de castração o eu ri de si próprio.

O trágico e o cômico da vida se misturam, indicando “*não apenas o triunfo do eu, mas também o do princípio do prazer*” (FREUD, 1927/1974, p. 191).

O humor tem algo de liberador, afirma Freud (FREUD, 1927/1974, p. 191), mas também de “*grandeza e elevação*” que falta ao cômico e aos chistes:

“Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do eu. O eu se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial no humor” (FREUD, 1927/1974, p.190).

É possível que isso esteja em conexão com o infantil, pois apenas na infância existiam afetos dolorosos dos quais o adulto hoje se ri, tal como o humorista ri de seus afetos dolorosos atuais.

Podemos observar uma exaltação do eu cuja tradução seria: “*sou grande demais (ou bom demais) para ser atingido por essas coisas*”. O que evidencia uma comparação do eu atual com o eu infantil. O humorista adquire superioridade assumindo o papel de adulto, “*identificando-se até certo ponto com o pai*” e reduzindo as outras pessoas e até a si mesmo a uma criança.

Além disso, essa conexão com o infantil demonstra que o humor tem suas raízes nos jogos infantis, sendo a própria atualização do brincar na vida adulta.

Assim como a criança leva a sua brincadeira muito a sério, também o humor é levado muito a sério pelo adulto que dele dispõe, sendo uma atividade intensamente investida de afetos e muito libidinizada.

O humor interferindo diretamente sobre a realidade obtém uma vitória sobre ela, uma vingança verbal que preserva o eu de ser aniquilado. Onde se esperava dor e sofrimento eclode o riso.

Essa possibilidade de modificar a relação com o sofrimento é o que confere ao humor uma dignidade que falta ao chiste, voltado geralmente para a produção de um efeito prazeroso muitas vezes associado à agressão.

Freud (1927/1974, p.191), questiona;

“em que consiste a atitude humorística que nos permite rechaçar o sofrimento, afirmar a insuperabilidade do eu pelo mundo real, sustentar triunfalmente o princípio do prazer e tudo isso sem abandonar, como ocorre com outros processos, o terreno da saúde psíquica?”

O que permite essa plasticidade do eu que o torna capaz de desconsiderar suas pretensões narcísicas e, por uma manobra criativa triunfar sobre as condições que poderiam aniquilá-lo, é uma certa disposição benigna do supereu, quando este é capaz de não levar tão a sério os ideais de perfeição narcisista que o comprometem e tratar o próprio eu em apuros como um adulto trata uma criança, rindo de sua pequenez, de suas ilusões. Para isso o supereu precisa se destacar momentaneamente do eu.

Na atitude humorística, diz Freud, podemos supor uma explicação dinâmica: “ela consiste em que o humorista retira a ênfase psíquica de seu eu, transportando-a para o supereu” (FREUD, 1927/1974, p.192).

O superinvestimento do supereu demonstra um deslocamento da libido do eu (libido narcísica) em direção ao supereu, o que provoca um esvaziamento do eu sem aniquilá-lo; com essa nova distribuição de energia, fica fácil para o supereu reprimir as possibilidades de reação do eu.

O supereu poderia esmagar o eu, mas não é isso que ocorre. Ele conserva suas funções de observação e crítica do eu, mas o faz agora com certa indulgência para com suas deficiências e fraquezas, tratando-o como um adulto trata uma criança.

A complacência do supereu que cede ao jogo de uma aliança demonstra dignidade e criação. Por outro lado, o poder e a grandiosidade do supereu quando comparados à pobreza egoica configuram uma paródia do poder e da autoridade. O supereu fica engrandecido, mas também debilitado em sua crueldade.

O frágil eu que se aliou ao supereu contempla agora o mundo com desdém e não se deixa amedrontar porque a própria cruza e maldade do mundo também se modificaram com a *ressexualização da pulsão de morte pela pulsão de vida*.

Em consequência de tudo isso as respostas do eu se alteram e ele deixa de agir masoquisticamente não se oferecendo mais como objeto de gozo para o supereu.

O supereu sádico e rigoroso é o herdeiro dos ideais de perfeição narcísica do complexo de Édipo; o supereu benigno é o resultante da simbolização da castração.

É porque o sujeito se reconhece simbolicamente castrado e admite a falta que o supereu pode perdoar os fracassos do eu.

O triunfo narcísico do eu consiste em que ele mantenha o amor próprio até mesmo diante da castração. Não é o triunfo do herói que acha que nada pode atingi-lo; tampouco o triunfo maníaco, pois o humorista não nega a realidade dolorosa. Ele se assemelha mais ao órfão do que ao herói e é justamente a sua orfandade que confere ao humor lucidez e dignidade.

O humor é considerado um prazer pouco intenso, não explode jamais em gargalhadas, mas é altamente enobrecedor e liberador. O essencial não é a piada, mas a intenção que o humor transmite. Ele parece dizer: “Olhem! Aqui está o mundo, que

parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!” (FREUD, 1927/ 1974, p. 194).

No humor também ocorreria uma cisão do eu, mas uma cisão diferente da que ocorre na perversão (fetichismo), o que parece confirmar a hipótese de Freud, em “*Neurose e Psicose*”, de que a saúde mental depende justamente do eu poder se dividir e atender a duas correntes psíquicas opostas, desprezando para isso uma parte de seus ideais (KEHL, 2002).

Em síntese: o supereu não deve levar tão a sério o narcisismo do eu, e este tem que abandonar seu compromisso de submissão às exigências de perfeição do supereu, herdeiras das pretensões narcísicas e incestuosas do complexo de Édipo.

Tudo isso nos ensina, diz Freud, que ainda temos muito que aprender sobre a natureza do supereu. Sua atitude benévola não contradiz em nada sua origem no agente paterno.

Humor – sublimação

Para Mellor (2005), a finalidade da sublimação é permitir ao eu satisfazer pelo menos em parte as exigências específicas que lhe colocou seu ideal.

Diz essa autora que os momentos críticos no curso da vida abrem a possibilidade de uma modificação da relação do eu com seu ideal porque eles conduzem o sujeito a reexaminar a imagem que ele faz de si mesmo.

As sublimações supõem a ideia de um

“trabalho psíquico ou de um processo que requer modificações tópicas, dinâmicas e econômicas, não sendo suficiente apenas a modificação do narcisismo do eu em relação às exigências de um ideal do eu elevado, uma vez que a emergência do processo sublimatório está relacionada ao investimento de um tempo futuro e ao esforço de aí realizar algo” (MELLOR, 2005, p.93).

Nos momentos de crise ou de passagem de um estado ao outro na vida, as sublimações seriam um meio particularmente eficaz para o sujeito encontrar novos

caminhos pulsionais, pois implicam que ele se mantenha vivo e libidinalmente investido, criando novos sentidos para sua vida e afirmando seu desejo.

Diz Mellor: “Se a sublimação se faz por intermédio do Eu, não podemos supor que o trabalho sublimatório possa reconduzir à reconstrução do Eu dentro do Eu?” (MELLOR, 2005, p. 108).

O humor inibe o desenvolvimento do desprazer e da dor, mas não se limita a isso, operando uma verdadeira transformação da energia ligada ao afeto doloroso oferecendo-lhe uma via de descarga.

“Como na sublimação, a derivação garante aqui a continuidade de um processo dinâmico e não de um bloqueio e é ao redor de uma produção de prazer que tudo se desenvolve porque o humor é produtor de prazer e ao testemunhar a possibilidade de deslocar um alvo sem perder sua intensidade pulsional, ele se distingue radicalmente de uma defesa e se assemelha a um processo sublimatório” (MELLOR, 2005, p.108)

Assim, tanto a sublimação quanto o humor possibilitariam *a reconstrução do Eu dentro do Eu* abrindo novos caminhos para a realização do desejo.

Ainda a respeito das aproximações entre o humor e a sublimação, Marta Gerez Ambertin (1993) diz:

“Se atribuímos um valioso caráter, sem saber muito bem por que, a este prazer pouco intenso e o sentimos particularmente emancipador e enaltecedor; se o humor é um dom só de alguns, ligado às pulsões de vida e de morte, não sugere isto estar mais além da denegação e, como vicissitude pulsional, configurar uma sublimação?” (AMBERTIN, 1993, p.135)

Humor x luto

A análise que se faz do humor mostra que esse processo é próximo do trabalho do luto, mas ele reconstrói não o objeto perdido dentro do Eu, mas o próprio Eu dentro do Eu como na sublimação.

No processo de luto há num primeiro momento um superinvestimento da representação do objeto perdido na consciência; paulatinamente, com a elaboração da perda do objeto, essa representação é desinvestida permitindo a reconstrução do objeto

perdido dentro do Eu, o que possibilita ao sujeito se desembaraçar dos seus investimentos bloqueados e a partir daí sair em busca de novos objetos e ideais.

O humor também mantém presente na consciência a representação dolorosa e a superinveste, o que o aproxima do trabalho do luto, porém a reconstrução se dá dentro do Eu, que é o objeto ameaçado.

Pelo humor o Eu se recusa a abandonar a si próprio, se rebela contra os ideais do Eu, apoiando-se para isso nos aspectos positivos do supereu.

Ao realizar essa reconstrução de si mesmo, o eu não admite a sua destruição, faz um luto dos seus ideais e abre caminho para novos investimentos pulsionais.

O humor na clínica psicanalítica

Em função de tudo o que foi dito a respeito do humor, podemos agora ressaltar a sua importância na clínica psicanalítica, na medida em que sua emergência, seja por parte do analisando, seja por parte do analista via interpretação, possibilita uma *desdramatização da narrativa*, esvaziando a fatalidade ou a seriedade exagerada que acompanha os discursos dos pacientes quando eles expressam os males que os atormentam.

Não se trata evidentemente de *rir do paciente, nem de ironizar o que é dito, mas rir com o paciente.*

Sabemos que uma interpretação pertinente e bem-humorada por parte do analista provoca muitas vezes uma risada no paciente e até mesmo comentários jocosos por parte deste a respeito de seus males e como exagerava seu sofrimento, sinal incontestável de que algo importante foi tocado no analisante.

Além disso, a emergência do humor por parte do analisando não nos falaria a respeito daquilo que Freud (1927/1974) pontuou da análise transformar a miséria neurótica em infelicidade banal?

Através do humor conseguimos sair do drama neurótico para admitirmos o trágico da condição humana. Esta é a sua grandeza.

Não é à toa que o humor surge principalmente no final da análise, quando as idealizações já ruíram e o analisando, já admitindo a falta e a castração simbólica, é capaz de rir de si mesmo e dos males tão dramáticos de seu passado.

O humor é também uma disposição na cura porque as rupturas que ele provoca atestam o enfraquecimento do gozo masoquista do eu diante da constelação superegoica do paciente.

Como saldo clínico no final da análise, o humor com sua amável crueldade que ri de todas as idealizações mostra um mais além do pai idealizado. O humorista é um anti-herói, aliás é muito mais órfão do que herói.

Conclusão

Do que se trata no humor? Rir das misérias da vida, do fracasso do eu, não seria rir do vazio que advém da confrontação entre a fragilidade humana à transitoriedade da vida e a inexorabilidade da morte?

Diante da angústia de castração, do desamparo e da solidão que nos rondam sem cessar, o humor nos indica uma saída corajosa e digna, uma disposição diante da vida que enfrenta a ação de *Thanatos* afirmando uma vitória ainda que transitória de Eros, ousando criar e brincar, rindo dos infortúnios e da precariedade da nossa existência.

Que diante da angústia de castração o eu não precise sempre recuar, mas seja capaz de rir do sofrimento, parece ser a lição que o humor nos ensina.

Nos seus textos sobre o humor, Freud nos indica uma nova maneira de enfrentar a castração, aponta o humor como economia de gozo e sinaliza a ética da cura e tudo isso sem perder a graça.

Para finalizar, é bom lembrar com Guimarães Rosa que *viver é muito perigoso* e talvez o que importa é o que conseguimos fazer com isso.

BIBLIOGRAFIA

AMBERTÍN, Marta Gerez. Humor negro e supereu. In: **As Vozes do Supereu**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2003. p.135-143.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do Erotismo. A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BIRMAN, Joel (Org.). **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

BIRMAN, Joel. Desamparo, amor e sublimação. In: **Estilo e modernidade em psicanálise**. Desamparo, amor e sublimação. São Paulo, Editora 34, 1997.

CASTIEL, Sissi Vigil. **Sublimação: clínica e metapsicologia**. São Paulo: Escuta, 2007
FURTADO, Ângela Maria Araújo Porto de. Humor, sempre negro. In: **A clínica psicanalítica hoje**. Segunda Jornada Norte-Nordeste do CBP e quarta jornada do CPS. 1985. Aracaju-Sergipe.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente, (1905). In: **Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, Sigmund. O humor, (1927). In: **Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. 21 , p.189-194.

FREUD, Sigmund. A divisão do ego no processo de defesa, (1940[1938]). In: **Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23. p.307-312.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio, (1908[1907]). In: **Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.9 . Rio de Janeiro: Imago. p.147-158.

FREUD, Sigmund. O ego e o id, (1923). In: **Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.13-80.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: **Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.85-119.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir. Humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MELLOR, Sophie de Mijolla-Mellor. **La sublimation**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. .

SLAVUTZKY, Abrão e KUPERMANN, Daniel (Orgs). **Seria trágico... Se não fosse cômico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOBRE A AUTORA

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles. Psicóloga. Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG. Presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – Biênio 2007/2009. E-mail: anacristinatcsalles@hotmail.com